

# Charlatanismo

Por Oswaldo Nascimento —  
Comentarista da Rêde Para

naense de Emissoras.

Não gosto nem de ouvir a palavra "Charlatão". Porque o charlatanismo, longe de ser um simples mal, é uma das piores pragas que infestam a sociedade de nossos dias.

Há, entretanto, muita gente que ainda não aprendeu a definir com acêrto o vocábulo, confundindo "Charlatanismo" com "Auto-Didatismo".

É preciso fazer tal distinção. Seria um êrro gravíssimo, uma injustiça inominável, estabelecer paralelo entre estas duas palavras.

O simples fato de um homem não ter escalado as séries acadêmicas, não é o bastante para excluí-lo da possibilidade de realizar coisas valiosas, para o próximo e para si mesmo.

Há os elementos que não puderam jãmais frequentar

uma escola, mas se impuzeram no conceito dos homens e mereceram lugar de honra na história, por seus feitos brilhantes, ou por seus invulgares conhecimentos.

Ao revés, encontramos indivíduos portadores de vistosos diplomas, que atravessaram sofrivelmente os respectivos cursos e, ao final dos mesmos, revelam apenas incapacidade para o exercício de suas profissões, quando não as utilizam para fins deshonestos, ou para a consecução de objetivos ilícitos.

Neste ról é que se encontram os verdadeiros charlatões.

Embora não goste de ouvir esta palavra, vejo-me obrigado, no comentário de hoje, a escrever alguma coisa sôbre o que representa o charlatanismo profissional, defendendo o auto-didatismo tido, erroneamente, na acepção daquele,

pelos que não se deram, ainda, ao trabalho de meditar sôbre o assunto.

A História está cheia de exemplos grandiosos. Mahomet não sabia ler, mas foi um dos maiores orientadores religiosos da Humanidade. Jesus Cristo, ainda criança e sem os ensinamentos profundos que lhe houvessem ministrado os "doutores da lei", discutiu com os mesmos, revelando conhecimentos novos e admiráveis, da Ciência Teológica. Sócrates foi também um charlatão da Filosofia, isto é: foi um grande pensador sem escola especializada, que formou pensadores, na Grécia do seu tempo. Augusto Comte, o fundador do Positivismo, não era formado. Emile Zolá, o célebre defensor do "Caso Dreyfus", era apenas um "grande rábula". Hoje a palavra degenerou, e rábula quer dizer apenas advogado de porta de xadrez. A Irmã Kenny, descobridora do famoso método de tratamento da Paralizia Infantil, que leva o seu nome, era, para os médicos da época, apenas uma charlatã. Pasteur foi também considerado charlatão, até o dia em que a Medicina o consagrou como um dos mais perfeitos auto-didatas da Ciência.

E, se quisermos referir-nos ao grandes charlatães que vêm, em nossos dias, preponderando, principalmente nas

Letras, não precisaremos si não lembrar o incomparável Agripino Grieco, literato e crítico dos mais eminentes, formado pela sábia escola do auto-didatismo; Érico Veríssimo, uma autoridade da ficção, cuja escola foi o balcão da casa comercial de seu progenitor. Não serei injusto, ainda, em recordar, aqui, o nome do "grande rábula" Evaristo de Moraes, mestre do Direito, que somente na velhice resolveu, a conselho de amigos, conquistar um diploma de Direito, ouvindo dos professôres a citação de seus próprios livros!

Não bastassem êstes exemplos, e volveríamos à Renascença, para trazer a figura inigualável de Leonardo da Vinci, o gênio que soube definir a proporção, na Arte, criando e aperfeiçoando as leis da perspectiva; estabelecendo novos rumos para a Engenharia Arquitetônica; produzindo obras musicais tanto ou mais perfeitas que as dos maiores nomes de sua época!

E Leonardo da Vinci foi também chamado "charlatão", pelo despeito daqueles que jãmais o poderiam imitar.

Em todo caso, aí está, creio que satisfatoriamente definido, o verdadeiro sentido do termo "charlatão", que nunca deve ser confundido com o significado glorioso do "auto-didata"!

P. Grossa, 26-4-1951.